



SOUSAS: DE ARRAIAL A PROGRESSISTA DISTRITO DE CAMPINAS

Maria Lúcia de Souza Rangel RICCI

Bem pouco foram até o momento estudados os Distritos de Campinas: Sousas, Joaquim Egídio, Barão Geraldo (este mais que os demais) e Nova Aparecida. Nos últimos meses a imprensa campineira vem divulgando tais espaços sobretudo com relação a Joaquim Egídio e Barão Geraldo.

Como tenho já uma pesquisa em andamento sobre os mencionados distritos, resolvi nesta oportunidade abordar apenas uma pequena parcela da fase inicial do trabalho acerca do antigo Arraial que, historicamente, tem muito a ser pesquisado.

Assim, começo por lembrar que o outrora conhecido como Arraial dos Sousas principiou como um bairro rural, constituindo-se numa região bastante diferenciada da paisagem típica de Campinas por possuir um relevo que apresenta morros e serras, com altitudes que chegam até a 1.100 metros na Serra das Cabras (que é uma porção avançada do Maciço da Mantiqueira) extremo leste do Município. Dista o Distrito cerca de nove quilômetros da cidade.

As corredeiras e pequenos saltos que lá se encontram têm importância significativa para a área, como bem atestam as usinas hidrelétricas de tamanho médio que aparecem nos rios Jaguari e Atibaia, dentro do município campineiro, ao redor da área de Sousas. Apresenta clima com médias térmicas em torno de 21° e pluviométricas com cerca de 1.300 mm/a, possuindo verão quente e úmido e inverno seco.

A parte principal do aglomerado deste Distrito fica ao longo do vale sobre uma pequena planície de nível de base num alargamento maior do espaço, propiciado pela confluência dos ribeirões dos Pires, pela esquerda e das Cabras, pela direita. Constitui-se, pois, num sítio acidentado, cujo relevo ora facilitou, ora dificultou o estabelecimento do homem.

Desde fins do século XVIII e primórdios do XIX a área correspondente ao Município de Campinas já se apresentava ocupada principalmente em decorrência da utilização predatória do espaço, com extração de madeiras e roças de subsistência, de caráter itinerante, que acabaram por destruir o manto florístico primitivo.

Havia também uma agricultura comercial em bases rudimentares, de cana-de-açúcar, com a utilização de engenhos para industrialização do produto.

Sousas teve sua origem quando Aleixo António de Godoi e Bemardo José Sampaio (1830) imbuídos de espírito aventureiro, ultrapassaram a Vila de São Carlos (hoje Campinas), embrenhando-se na vasta mataria, até atingirem as margens do Rio Atibaia, onde acamparam, pois, a farta e variada caça e pesca lhes garantia a sobrevivência. Nômades por índole, não se contentaram em ali ficar e resolveram construir uma ponte de madeira (abundante na mata) para transporem à margem direita do rio, que se lhes afigurava como um espaço novo a ser descoberto.

Em verdade, o avanço do crescimento populacional na direção da depressão periférica, ocorreu a partir dos últimos desemboques das cachoeiras que vêm das regiões montanhosas na altura de Sousas e Joaquim Egídio.

Aos poucos outros indivíduos foram aparecendo, acabando por aderir aos pioneiros e ali também se instalaram em caráter permanente.

O bairro rural foi atraindo a atenção de outros tantos. Desta maneira foi que José Floriano de Camargo e membros da Família Sousas tendo tomado conhecimento da qualidade das terras, quiseram adquiri-las (convém lembrar que a família Sousas possuía desde 1796 uma sesmaria de uma légua quadrada em Anhumas, a NE da então Vila de São Carlos).

Lá estabeleceram suas lavouras canavieiras com os respectivos engenhos. Próximo existiam também outras sesmarias, como Atibaia e Mato Dentro, mas sempre confinadas pela margem esquerda do Rio Atibaia.

Nessa constante chegada de outros forasteiros, o agrupamento foi crescendo e se transformou num modesto arraial que ficou sendo conhecido como Ponte do Arraial.

Para incrementar seu desenvolvimento estes moradores resolveram abrir um caminho para a Vila de São Carlos, que era a mais próxima e o fizeram em direção ao lado do Taquaral de Anhumas.

Em 1833, Augusto Fornaleiro e Antônio de Moraes, entre outros, já faziam parte deste Arraial que ainda não possuía um templo religioso (até então as cerimônias eram celebradas nas casas dos moradores). Foi aí que a família de Joaquim Monteiro construiu a primeira Capela erigida em homenagem a São Sebastião.

Multiplicaram-se, outrossim, as casas dos despossuídos de terras - camaradas, meeiros e arrendatários - além de pequeno comércio (vendas) para atender a população local.

De todas as famílias que vieram para esta área destacou-se a dos Sousas, cujos membros eram proprietários das maiores sesmarias da região. Por isso foi que o Vereador Ricardo Gumbleton Daunt, em 1889, em sessão da Câmara, propôs que fosse dado ao povoado da Ponte do Arraial o nome de Arraial dos Sousas, em homenagem àquela família.

Nesta região já desde meados do século XIX, à medida que a cana-de-açúcar foi cedendo terreno à cultura cafeeira, observa-se que também neste setor, em decorrência da existência de terras férteis e do dinamismo da população, seu crescimento econômico foi grande tanto que, em 1894, houve a necessidade da construção de uma ferrovia a fim de atender à demanda da cafeicultura. Assim, foi então inaugurada a Companhia Ramal Férreo Campineiro, com trinta e três quilômetros de extensão o que muito contribuiu para a infra-estrutura da economia cafeeira na área. Destinava-se a ligar Campinas a Cabras e mais um pequeno ramal unindo o bairro de Joaquim Egídio a uma outra fazenda da

região, distante mais dez quilômetros. O trezinho que cobria este percurso era popularmente denominado de *Cabrita*, justamente por chegar até Cabras, que segundo a tradição popular era um local onde havia muitos exemplares de caprinos.

Neste mesmo ano, a família Salgado doou um terreno à comunidade para a construção da Matriz que foi inaugurada em 1897 sob a invocação de Nossa Senhora do Bom Conselho (nome que foi alterado em 1903 para Sant' Ana). Em 1898 o Arraial foi elevado à categoria de Freguesia de Sant' Ana sendo já um movimentado povoado.

Entre os anos de 1929-30, em decorrência da queda da bolsa de Nova Iorque, houve um sensível abalo na cultura cafeeira do país, o que implicou no corte de muitos cafezais e na queima do café. O produto que havia feito a fama e riqueza de Sousas por quase cem anos de atividades, de repente foi suprimido o que determinou, decorrentemente, o despovoamento da zona rural. Esta mão-de-obra foi para Campinas engrossando fileiras dos que contribuíram para a evolução industrial da cidade, já iniciada a partir dos anos 1850.

Os antigos cafezais sousenses foram transformados em pastos, iniciando-se assim o ciclo do gado na área. O gado que inicialmente não tinha um destino bem definido, aos poucos foi sendo orientado de preferência para a produção do leite.

O núcleo urbano a partir daquele momento entrou em estagnação e a linha férrea deixou de exercer sua função principal para a qual fora criada. A cultura de subsistência, todavia, cresceu. Com o retalhamento de grande maioria das propriedades a paisagem rural de Sousas se alterou ao lado da quase total paralisação de sua vida urbana.

Encontramos em Sousas uma cultura diferenciada com relação à Campinas, sendo que sua população se revela como uma mescla de descendentes de imigrantes (principalmente italianos) além de migrantes mineiros e paranaenses.

A partir de 1946, houve tentativa de loteamento em Sousas (caso, por exemplo, do Jardim Conceição, a sudoeste do aglomerado, à margem da estrada para Campinas), mas ainda sem resultado positivo.

Entretanto, em 1947, a iniciativa particular obteve sucesso quando, ao sul da parte central de Sousas, à margem direita do rio Atibaia, foi isolada uma área para a instalação do Clube Campineiro de Regatas e Natação. Logo após surgiram as Vilas Iório e Sônia e vários outros loteamentos foram se sucedendo com edificações modernas. Crescia também o interesse pela aquisição de chácaras e pesqueiros.

A par da função residencial que Sousas passou a ter, mais sensivelmente a partir dos anos 1980, possui também a comercial, o pequeno comércio diferenciado, a industrial (significativa no Distrito em passado recente), o lazer ecológico, muitas casas noturnas e gastronomia conhecida em toda região, além da manutenção de festas populares de caráter profano-religioso (só para lembrar algumas delas a de Sant' Ana e a de São Sebastião).

Atualmente as novas funções de Sousas com relações múltiplas e amiúdes com Campinas, apresenta adensamentos populacionais notórios, decorrentes, entre outros fatores, pelo fato de grande parte da população útil deste Distrito trabalhar em Campinas, bem assim porque outros tantos cidadãos que lá residiam passaram a habitar Sousas em condomínios de alto padrão, motivados que foram, sobretudo porque toda área que vai deste Distrito a Serra das Cabras é atualmente muito conhecida por ser um agroecossistema de grande beleza onde convivem matas, cachoeiras, nascentes, várzeas, além de vários monumentos geológicos ainda não completamente conhecidos.

Também os bolsões de pobreza começaram a surgir, bem assim várias Casas de Auxílio, cujo desempenho vem se mostrando significativo para Sousas (é o caso, entre outras, da Creche Gustavo Marcondes, mantida pelo Centro Espírita Allan Kardec, do Núcleo Assistencial e Educacional da Criança e do Adolescente - Naeca e do Centro Comunitário Irmão André - Cecoia).

Quero ainda dizer que a bibliografia sobre tal espaço não é abundante o que torna instigante a procura do material, seu arrolamento e análise, além da tomada de depoimentos junto aos antigos moradores/descendentes deste espaço e da coleta de fotografias (antigas e

atuais) a fim de que, de posse deste acervo se possa fazer a história como uma prática, como produto de uma situação, sempre interrogando seus fundamentos como bem propôs Le Goff e Nora e o que não apenas Sosas como os demais Distritos instigam *a mostrar que a novidade está ligada a novos problemas, novas abordagens, novos objetivos e a novos olhares.*

Neste iniciar da pesquisa aponto apenas a Bibliografia já utilizada:

- AB'SABER, A.N. *A Terra Paulista*. São Paulo, Boletim Paulista de Geografia, 1956, n° 23.
- AMARAL, Leopoldo. *A Cidade de Campinas em 1901*. Campinas s/e, 1902.
- AZEVEDO, Aroldo. *Embrões de Cidades Brasileiras*. São Paulo, Boletim Paulista de Geografia, 1957, n° 25.
- CHRISTOFOLETTI, A. e FEDERICI, H. *A Terra Campineira*. Campinas, Mousinho, 1972.
- GUIMARÃES, Alaôr M. *Campinas. Dados Históricos e Estatísticos*. Campinas, Livr. Brasil, 1953.
- MONOGRAFIA HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS. Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do IBGE, 1952.
- MÜLLER, N.L. *Paisagens rurais do Município de Campinas*. São Paulo, *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros* 1952, v. II.
- OTAVIO, B. e MELILO (org.) *Almanaque Histórico e Estatístico de Campinas*. Campinas, s/e, 1912.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS. *Campinas. Subsídios para a discussão do Plano Diretor*. Campinas, 1991.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS. *Seplama - Secretaria de Planejamento de Meio Ambiente. Plano de Gestão da Área de Proteção Ambiental da Região de Sosas e Joaquim Egídio. APA Municipal*. Campinas, 1996.